

Truculência marca estilo 'malvadeza'

CARMEN KOZAK

BRASÍLIA – Antonio Carlos Magalhães está há 47 anos no poder. Já foi quase tudo. Deputado, prefeito, governador, ministro, senador e presidente do Senado. Foi até mesmo presidente do Brasil. Por seis dias, é verdade. Graças a uma gentileza de Fernando Henrique Cardoso, de seu vice Marco Maciel e do então presidente da Câmara, Michel Temer, que se ausentaram do país de forma ensaiada, menos de um mês depois da morte de Luís Eduardo

Magalhães, em 21 de abril de 1998. Era uma homenagem a Luís Eduardo, que na avaliação de FH foi peça fundamental para a transição política de um dos personagens mais poderosos do Brasil.

Por muito tempo fez o que bem quis. Nem mesmo militares, nos anos de chumbo, escaparam de sua truculência. Em 4 de setembro de 1965, sem cerimônias, ACM deu um soco no comandante da Região Militar do Nordeste, general João Costa. "Ele veio falando comigo no elevador, com o dedo na minha cara. Dei-lhe um tapa e arranquei o quepe dele", contou no livro *Política é paixão* – um depoimento a cinco jornalistas.

De influente sustentáculo da ditadura militar a trunfo decisivo na aliança que elegeu Tancredo



Em 1966, o deputado Antonio Carlos é contido por colegas

Arquivo

Neves, em 1985, no Colégio Eleitoral. De primeiro-aliado de Fernando Collor de Mello a um dos homens mais poderosos dos governos Fernando Henrique Cardoso. De Toninho Malvadeza a Toninho Ternura. Aos 73 anos, ACM baseava-se nessa contabilidade para continuar apostando na sua infalibilidade.

O apreço de Luís Eduardo por Fernando Henrique servia de amortecedor ao ímpeto brigão de Antonio Carlos Magalhães. "O deputado Luís Eduardo sabe mais do que eu. É mais competente, não briga com ninguém", costumava repetir o senador.

Com a morte de Luís Eduardo acabou o freio. ACM temia perder a força política. O estilo Malvadeza voltou com tudo no ano passado, quando percebeu seu isolamento político. Agarrou-se à

bandeira de combate à corrupção. Contava com sua astúcia, mas não esperava que procuradores do Distrito Federal teriam a ousadia de gravar uma conversa em que a violação do painel do Senado foi tema.

E ontem, ACM teve que assumir um novo papel em sua biografia: o de depoente e potencial réu em processo de quebra de decoro parlamentar. Há dois meses e meio, deixou a Presidência do Senado jurando trabalhar por um inédito impeachment de um dirigente daquela Casa. Eternamente na mira, o inimigo Jader Barbalho. Pode até conseguir o que quer, mas também estará envolvido em outro episódio inédito: o experiente político baiano poderá ser o primeiro ex-presidente do Congresso a ser processado por falta de decoro parlamentar.